

SOBRE A EXISTÊNCIA PROVÁVEL, NUM FUTURO, DE UM

«ULTRA-HUMANO»

(Reflexões dum biólogo) ¹

I. DEFINIÇÃO FÍSICO-BIOLÓGICA DO HUMANO: UM SUPER-ESTADO ESPECÍFICO DA MATÉRIA VIVA

O *Humano*, dum ponto de vista puramente experimental, não representa, de imediato, nem mais nem menos do que uma porção definida e localizada de matéria levada a um estado de extrema complexidade, ou (o que parece ser uma outra face do mesmo fenómeno) a um estado de extrema «concentração»; o resultado desta transformação é o de fazer emergir decididamente, ao nível da reflexão, o jogo dirigido dos centros individuais de acção, para além dos efeitos do acaso e dos grandes números.

Ao nível da reflexão: eis o que importa compreender bem.

Desde o início e ao longo de toda a vitalização histórica da Matéria, assistimos à ascensão progressiva dum verdadeiro psiquismo no seio dos sistemas orgânicos (super-moléculas vivas) cada vez mais complicados e interiorizados. Milhões de anos antes do Homem, o animal sentiu, descobriu, *soube*. Mas, nele, essa consciência manteve-se simples e directa. Na Terra, o Homem, recurvando no fundo de si mesmo o círculo da consciência, é o único a *saber que sabe*, com as múltiplas consequências que todos experimentamos, sem medir bem o surpreendente significado biológico disto: previsão do futuro, construção de sistemas de pensamento, capacidade de invenções calculadas, controlo (e aceleração) da Evolução, etc. Ouve-se muitas vezes falar de «franja intelectual do instinto» ou de «inteligência animal». Tais expressões (na medida em que a palavra *inteligência* é aí tomada no seu pleno sentido de psiquismo reflexivo) são cientificamente falsas e perigosas em virtude de mascararem ou enfraquecerem a existência do formidável acontecimento representado pelo enrugamento «puntiforme» dum núcleo psíquico sobre si mesmo, isto é, a passagem da Consciência do primeiro ao segundo grau de potência. Bem entendido, é perfeitamente legítimo encarar todos os feixes zoológicos que formam a Biosfera elevando-se por igual, cada um segundo a sua orientação própria, na direcção comum do Reflexivo. Mas o que é ainda bem mais certo, aquilo que salta aos olhos, por pouco que se observe a evidência dos factos – a revolucionária superioridade biológica do Pensamento sobre o Instinto – é que, se um qualquer feixe X, anterior ao dos Antropoides, tivesse atingido e franqueado o limiar de separação entre consciência reflectida e consciência directa, nunca teria havido Homem sobre a Terra, pois que seria esse feixe X que, em lugar do Homem, teria tecido e constituído a Noosfera.

Em suma, o Humano, claramente separado, por uma superfície crítica de transformação das camadas de Matéria organizada onde mergulha, forma verdadeiramente, no coração

¹ Tomo V das Obras Completas de Teilhard de Chardin, Éditions du Seuil, Paris, 1963, pág. 351-364 (tradução da responsabilidade da Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal, 2019)

(ou, se se preferir, no cume) dos seres Vivos, um núcleo de substância cósmica «híper-psiquizada», perfeitamente caracterizada e reconhecível à primeira vista graças a um poder crescente e invasor de auto-evolução racional que é a única a possuir, no campo da nossa experiência.

II. O CRESCIMENTO DO HUMANO – PERÍODO HISTÓRICO DE EXPANSÃO

Que entre o invólucro simplesmente animado da Terra e o seu invólucro pensante (isto é, entre a Biosfera e a Noosfera) se verifique uma descontinuidade maior, revelada pelos caminhos, fundamentalmente diferentes, tomados pela Vida aquém e além da superfície que os separa, isso não quer dizer, naturalmente, que o Humano tenha historicamente aparecido «já acabado», dum só golpe, no seio dos seres Vivos. Bem pelo contrário.

Por um lado, a nível da própria superfície zoológica de hominização, uma larga faixa obscura se estende – irresolúvel, aparentemente, pelos nossos mais poderosos métodos de investigação do Passado –, em que talvez quase nada distinguisse ainda *exteriormente* o Reflexivo, contudo já nascido, do Irreflexivo. Exactamente como o feto de cada indivíduo humano, morfológicamente quase indefinido nas primeiríssimas fases do seu desenvolvimento. Mesmo admitindo que, por uma sorte inaudita, encontrássemos dele alguns vestígios, teremos a certeza de que reconheceríamos os primeiros pensantes pelos seus ossos ou pelos produtos da sua actividade?

Por outro lado, atendo-nos às zonas cada vez melhor definidas onde a Humanidade (já quase cosmopolita quando nos aparece nos inícios do Quaternário) aumenta e cresce à medida que de nós se aproxima, não é um facto indesmentível, e por acréscimo um fenómeno de peso nas suas consequências, que, nesta Humanidade em vias de expansão planetária, o Humano (se quisermos, o Reflexivo) se comporte como uma grandeza física, não somente variável, mas ainda irresistivelmente em subida? Tal como o vapor que se gasifica sempre mais, à medida que, sob o efeito duma temperatura crescente, se afasta do seu ponto de liquefação.

Marquemos as fases principais dessa progressiva trans-hominização, uma anatómica, a outra social.

a) *Fase anatómica.*

É uma questão sempre debatida em Antropologia o saber-se em que medida, a partir das características osteológicas dum dado crânio, é possível remontar, primeiro, à forma do cérebro que o crânio continha, e, depois, ao psiquismo particular que habitava esse cérebro. No estado presente dos nossos conhecimentos, tal tentativa revela-se cada vez mais repleta de inumeráveis ciladas. Mas isso não impede que, em certos casos favoráveis e a um certo grau de aproximação, a tentativa não possa dar bons resultados.

Duma forma geral, o cérebro dos Mamíferos, ao hominizarem-se, não só aumenta bruscamente de volume médio e se reforça especificamente na região frontal, como

ainda aumenta, poder-se-ia dizer, de «compacidade», seja estruturalmente – por desenvolvimento das áreas de associações compreendidas entre as áreas sensoriais – , seja geometricamente, por enrugamento global dos lobos e dos hemisférios entre si.

Deste ponto de vista, parece legítimo distinguir osteologicamente, na base da antropogénese, um estado fóssil «pré-hominídeo», representado por crânios claramente menos enrolados sobre si mesmos (diga-se, menos «globulosos») do que no Homem moderno, distinção confirmada pelo facto bem significativo de que, tomada neste estado pré-hominídeo, a Humanidade parece ter sido composta a partir dum feixe apenas divergente de fólhos étnicos («sub-filos»?) muito mais independentes uns dos outros do que alguns grupos raciais alguma vez o foram depois. Todos estes índices sugerem que o Reflexivo, por mais reconhecível que seja já nestas épocas longínquas, contudo ainda não possuía, no seu funcionamento, o grau de perfeição que nós lhe reconhecemos hoje.

De facto, é preciso chegar até às populações artistas do Pleistoceno final – é preciso esperar o *Homo sapiens* dos naturalistas – para verdadeiramente vislumbrar, do duplo ponto de vista cerebral e filético, o Humano em plena via de concentração orgânica sobre si mesmo.

b) *Fase social.*

«Em plena via», digo bem, e não «em pleno estado de acabamento». Porque é neste ponto (e eis que aqui se trata de ver bem) que, para assegurar o prolongamento do movimento de hominização, o social vem subtilmente revezar os progressos, parados pelo menos provisoriamente, do «anatômico».

Por um grande número (talvez se devesse dizer, pela maioria) dos nossos contemporâneos, a congregação técnico-cultural humana a que assistimos continua sempre a ser olhada como uma espécie de epifenómeno para-biológico, muito inferior, em valor, às outras combinações realizadas, à escala molecular e celular, pelas forças da Vida.

Ora, em Ciência, esta atitude minimizante não se justifica. Se, com efeito, o sinal distintivo dos arranjos propriamente «vitais» é que a «temperatura psíquica» se eleva nestes à medida que sobe a sua complexificação, como recusar a dignidade de organismos (em pleno sentido) aos agrupamentos, tão fortemente «psicogenéticos», realizados no seio da massa humana por força de socialização?

Deste ponto de vista, nada mais incorrecto, em meu entender, do que se representar o Humano como biologicamente estacionário desde o fim das eras glaciares. Nada alterado, talvez, numa observação macroscópica, no decurso deste período. Mas, em contrapartida, pela aparição, associação e oposição de técnicas, de visões, de paixões e de ideias, que extraordinário e irreversível progresso na consciência colectiva! Que intensificação do Reflexivo!

Na verdade, o grande problema colocado pelo Homem à Biologia não é o de saber (a resposta é claríssima!) se a antropogénese tem efectivamente continuado a marcha físico-psíquica no decurso dos últimos trinta milénios, consiste sim em decidir, perante uma Humanidade chegada aos limites materiais da sua expansão geográfica, se ela não estaria, por acaso, em vias de estagnação, ou seja, vitalmente distendida pelo excesso das suas próprias dimensões.

Ora, é aqui que uma grande surpresa nos espera.

III. O CRESCIMENTO DO HUMANO – PERÍODO MODERNO, DE SOBRE-COMPRESSÃO

Para que uma Humanidade, tal como a vemos neste momento ao nosso redor, possa ser considerada como socialmente acabada, seria preciso que, ao atingir, como acaba de o fazer, o seu máximo de expansão planetária, ela manifestasse, ao mesmo tempo, uma redução apreciável da sua capacidade interna de multiplicação. Ora, não é exactamente ao fenómeno inverso que assistimos? Não uma estabilização gradual, mas, ao contrário, uma subida vertical da população do globo. É o que todas as estatísticas registam desde há um século. Como se, ao se soldar geograficamente sobre si, a Humanidade fizesse ricochete numericamente sobre si própria, fazendo, de repente, aparecer, com toda a clareza, o mecanismo estreitamente engrenado que, mais ou menos obscuramente, desde o princípio, nunca havia deixado de presidir aos seus desenvolvimentos.

Na origem do processo, uma compressão demográfica cada vez mais violenta obrigava a multidão humana a instalar-se, o melhor possível, sobre a superfície fechada da Terra. Compressão geometricamente inevitável, arrastando, por necessidade vital, um esforço concertado dos indivíduos para descobrir os melhores meios de se organizarem entre si, ao organizarem o mundo em seu redor. Esforço de invenção e, portanto, no fim de contas, ascensão do Refletido (isto é, do Humano) no interior da Noosfera; uma subida traduzida em redor (na medida em que aumentam, em cada indivíduo mais reflexivo e melhor hominizado, o raio de influência e o poder de acção) por um acréscimo de compressão planetária.

E assim sucessivamente: na direcção de cada vez mais compressão, forçando sempre a cada vez mais reflexão...

Desde as primeiríssimas etapas da História, repito, o processo comprimido-gerador de consciência nunca deixou de operar sobre a massa humana. Mas a partir do momento (como acaba de suceder!) em que, sobre continentes praticamente saturados, a compressão dos povos começa decididamente a levar de vencida o movimento de expansão à superfície do globo, é natural que o fenómeno se acelere em proporções avassaladoras. Desenvolvimento verdadeiramente explosivo da técnica e da investigação; domínio, ao mesmo tempo teórico e prático, dos segredos e do potencial da energia cósmica, a todos os níveis e sob todas as formas; e, correlativamente, rápida elevação daquilo a que chamámos a temperatura psíquica da Terra... Se conseguíssemos, ainda que de relance, dominar pelo olhar o caos de superfície, não seria esse o espectáculo a que

assistiríamos? Uma maré humana que nos eleva, irresistivelmente e a toda a força, dum astro em contracção; de maneira nenhuma uma maré paralisada, como poderíamos crer, mas em plena crise de ascensão: a ascensão implacável, no nosso horizonte, dum verdadeiro «Ultra-humano».

IV. A FIGURA DO ULTRA-HUMANO

Em virtude daquilo que acabo de dizer, é evidente que nada permite prever nem o abrandamento e muito menos o fim do regime de socialização compressiva em que acabamos de entrar. Nestas condições, não nos serviria evidentemente de nada tentarmos evadir-nos do turbilhão que se comprime sobre nós. Pelo contrário, o que acima de tudo importa é saber como, nesse turbilhão, nos orientaremos e comportaremos espiritualmente, de tal modo que a compressão totalizante a que estamos submetidos não tenha, como consequência desumanizarmo-nos por mecanização, mas (como parece possível) sobre-humanizarmo-nos por intensificação das nossas capacidades de compreender e de amar.

Explicamos este ponto importante que nos permitirá precisar, simultaneamente: tanto as condições físicas de realização, como (até certo ponto!) o aspecto final provável do Ultra-humano.

Durante muito tempo, o Humano, sob a pressão das forças externas ocupadas a concentrá-lo, poder-se-ia dizer que se desenvolveu numa forma sobretudo automática, – principalmente acochado, segundo a expressão de Bergson, por uma pressão *vis a tergo*². Mas, a partir do momento em que o espírito, inicialmente aparecido (assim foi dito repetidamente) «como um simples meio de sobrevivência», começou a elevar-se ao nível da função e da dignidade de «razão de viver», foi inevitável que, com o acentuar das forças de liberdade, uma modificação profunda se desenhasse no regime da antropogénese, modificação essa de que começamos apenas a sentir os efeitos. Inclusivamente, nas zonas mais espiritualizadas do nosso ser, subsistem, sem dúvida, certas necessidades interiores que nos forcem inexoravelmente a prosseguir sem interrupção a nossa marcha em frente. Que potência no mundo jamais conseguiu impedir uma ideia ou uma paixão de crescer, uma vez aparecidas? Resta que, a esse determinismo de fundo, se junta e associa incontestavelmente, à medida que a Reflexão avança, uma possibilidade para o Homem de se esquivar ou se recusar àquilo que pareça não lhe satisfazer, nem o coração nem a razão. O que equivale a dizer que, a partir dum grau suficiente de hominização, a «cadeia planetária», geradora do Humano, só poderia continuar a funcionar numa certa atmosfera de *consentimento*, ou seja, finalmente, sob a acção de algum desejo. Reforçando e, pouco a pouco, revezando a pressão vinda de baixo, eis que então se revela a aparição dum atracção vinda de cima, indispensável para o prosseguimento da operação, indispensável para alimentar o elam evolutivo, e, indispensável, ao mesmo tempo, para criar, em redor da Humanidade em vias de totalização, o calor psíquico, a atmosfera cordial, fora da qual a empresa económico-

² Pressão exercida desde trás [NT]

técnica do mundo não faria mais do que esmagar as almas umas contra as outras, sem chegar a soldá-las entre si e a unificá-las. – O *pull* a seguir ao *push*, como diriam os ingleses.

Ora, que foco imaginar que possa irradiar, sobre as nossas inteligências e os nossos corações, esta misteriosa e indispensável atracção?

Duma maneira absolutamente geral, pode dizer-se que, por estrutura e por construção, o Humano, tornado consciente do seu estado de inacabamento, só pode prestar-se sem revolta e, sobretudo, com paixão ao movimento que o arrebatava, no termo deste, se desenhar (pelo menos a título de «limite») qualquer consumação de tipo simultaneamente definitivo e definido. Mas, sobretudo, não a dispersão dissolvente ou a engrenagem! Para o Reflexivo, por necessidade vital, não poderia haver outro Universo respirável que não fosse organicamente e psiquicamente *convergente*. Algum cume, alguma revelação, alguma transformação vivificante no termo da trajectória... Finalmente, ainda que sob o chicote e a espada das necessidades que nos oprimem, só uma perspectiva, uma esperança desta ordem é capaz de sustentar até ao fim a nossa marcha em frente.

Mas este cimo, ou seja, mais precisamente, esse cume esperado pela antropogénese, sem o qual nos recusaríamos, em definitivo e cada vez mais, a actuar, sob que forma ou traços poderíamos tentar imaginá-lo?

É aqui que duas soluções, parcialmente divergentes, se apresentam: não simplesmente soluções teóricas e abstractas, mas eventualidades lentamente amadurecidas por toda a experiência do Homem no decurso das eras, antes de se encontrarem bruscamente transportadas à luz do dia da nossa consciência pela súbita aparição de forças totalizantes, para as quais devemos agora preparar-nos.

Segundo uns («solução colectivista»), para assegurar o sucesso biológico da nossa evolução, bastaria que o Humano conseguisse, pouco a pouco, adaptar-se globalmente a uma espécie de circuito fechado, segundo o qual cada elemento pensante, intelectual e afectivamente conectado com todos os outros, chegaria a um máximo de domínio individual, por *participação* numa certa claridade final de visão e por um certo calor extremo de simpatia, próprios a todo o sistema. Seria um estado superior de consciência, difuso nas camadas ultra-tecnizadas, ultra-socializadas, ultra-cerebralizadas da massa humana, mas isto sem a aparição (não necessária nem concebível), no decurso do sistema, dum qualquer Centro universal, definido e autónomo, de Reflexão: eis, nesta primeira hipótese, tudo o que nos seria dado prever e ambicionar como termo superior de hominização.

Segundo os outros, pelo contrário («solução personalista»), é justamente algum Centro de unificação, é precisamente alguma pedra angular, que é preciso prever e postular a todo o custo, para que nada se desmorone na cumeeira do edifício humano. Se, com efeito, dizem os defensores desta segunda teoria, não surgir uma força real de amor no coração da Evolução – amor mais forte do que todo o egoísmo privado e toda a paixão particular – como haveis de querer que alguma vez a Noosfera se estabilize? E se um

núcleo ultra-consistente não surgir no seio do movimento cósmico, assegurando, pela sua presença, a conservação definitiva de todo o incomunicável reflexivo, sublimado no decurso do tempo pela antropogénese, como quereis que (ainda que sob o efeito externo duma compressão planetária) nós aceitemos empenhar-nos, ... em direcção a uma Morte total! Na verdade, parece indispensável à massa humana (ainda que prisioneira do seu estado actual de sobre-compressão), que, a fim de se manter coerente sem se esmagar, exista um campo de atracção, simultaneamente potente e irreversível, que não poderia emanar colectivamente duma simples nebulosa de átomos reflexivos, mas que exige ter na sua fonte um astro autossustentado e poderosamente personalizado.

É assim que raciocinam e sentem (pelo menos implicitamente) há dois mil anos todos os cristãos. E assim, estou convencido, será obrigado a pensar, sob a urgência dos acontecimentos, um número crescente de biólogos e psicólogos. Assim também o maior acontecimento em curso na história da Terra seria talvez, muito justamente, a descoberta gradual – por aqueles que sabem ver – não somente de Qualquer Coisa, mas de *Alguém*, no cume formado pela convergência sobre si mesmo do Universo em evolução.

Naturalmente, muitos hesitarão em me seguir até tão longe nas minhas deduções e previsões.

Resta, para nos mantermos no incontestável, que, dos factos acima expostos, duas conclusões pelo menos me parece poderem ser extraídas, para qualquer um que não recuse abrir os olhos face ao que se passa neste momento no mundo que nos rodeia.

A primeira é que o Humano (ou, o que quer dizer o mesmo, o Reflexivo) não somente corresponde, em verdade, psiquicamente a uma segregação definida do «tecido cósmico» elevado a um estado superior (e sempre crescente) de complexidade e consciência, como ainda seria incapaz de encontrar o seu equilíbrio final senão centrando-se e concentrando-se planetariamente sobre si mesmo – ao mesmo tempo por compulsão e por atracção – até formar uma só unidade natural, orgânica e psiquicamente inseparável.

E a segunda dessas conclusões é que, em relação a esse estado previsível de arranjo e de interiorização, nos encontramos ainda tão em atraso, que a Humanidade, na sua forma actual (ainda que não tenhamos até agora podido compará-la a nada de mais «adulto» no seu género, no Universo) só pode ser cientificamente encarada como um organismo que não ultrapassou ainda a simples condição de embrião.

De tal modo que, um vasto domínio de Ultra-humano, centrado ou a centrar pessoalmente no seu termo (deixemos a questão em aberto), se descobre à nossa frente, em todos os casos, domínio esse em que não seríamos capazes de sobreviver nem de superviver, senão incrementando e desposando, ao máximo, sobre a Terra, todas as forças disponíveis de visão comum e de unanização.

Paris, 6 de janeiro de 1950